

# BRASÍLIA À NOITE

Muitos que foram transferidos para Brasília anos após a sua inauguração, custam a admitir que o chamado “pioneiro” tivesse, naquela época, uma vida noturna capaz de amenizar os dias que passava em meio a adaptação e trabalho numa cidade que surgia em pouco mais de dois anos num planalto, vazio distante cerca de 1.000 quilômetros das principais capitais da quase totalidade dos seus habitantes, que não passavam, aquele tempo, a mais de cem mil pessoas.

No entanto a verdade é que a falta de condução, então existente de coletivos, natural em se tratando de uma obra gigantesca que tinha por objetivo torna-se a nova Capital Federal de todos os brasileiros, não impedia que o já brasiliense conseguisse após um dia de trabalho, viver, intensamente, uma vida noturna até certo ponto “sui generis” em suas existências. Se o Plano-Piloto não oferecia atrações, a Cidade Livre — atual Núcleo Bandeirante — era sua passarela noturna, a “Broadway” improvisada para onde todos se dirigiam à noite.

A falta de coletivos, suprida pela grande comunicação existente, sendo a “carona” uma coisa comum não só durante o dia como à noite, dava a Brasília a impressão de que todos os seus habitantes pareciam ter vindo de uma mesma cidade, partes de uma só família. E por isso mesmo a Cidade-Livre, já por volta das 20 horas, era o local agitado e favorito do pioneiro, com suas boates, cinemas e bares sempre movimentados. Nas suas avenidas vermelhas, onde as constantes nuvens de poeira a passagem dos carros subiam cobrindo tudo e a todos, não impediam que todas as noites a vida de Brasília se transferisse radicalmente para lá, após uma esticada ao único e grande agitado restaurante do Plano Piloto, o Chez Willy, na Avenida W-3, a altura da quadra 709, onde os grupos ficavam até altas horas antes de se dirigirem para a “ronda” quase obrigatória do final de noite.

A primeira vista, quem chegava à Cidade Livre tinha a impressão de estar voltando à época do surgimento das grandes cidades americanas dos anos de 1850. O barro, as casas de madeira, as carroças que circulavam e os seus locais de atração noturna, realmente davam a todos essa impressão. Seus restaurantes e boates, tendo à frente uma pequena proteção de madeira para evitar que os carros se aproximassem demais das portas, numa tentativa de impedir a poeira com as constantes chegadas e saídas dos carros, causavam realmente essa impressão.

## BOATES, O PONTO ALTO

Se os cinemas eram poucos (um ou dois, ainda assim adaptados), o ponto alto da Cidade-Livre era realmente suas boates, que apresentavam “shows” variados.

As principais eram o Night and Day, Olgas, Bossa Nova. Cada uma procurando suplantar a concorrente, com o oferecimento de novas atrações, mudando seus quadros quase que diariamente. Eram cantores, artistas de strip-tease, ventríloquos e até mesmo engolidores de fogo. Mas era válido. Nessas boates, a vida noturna que Brasília apresentava a gente que de todos os pontos viera para a sua inauguração e consolidação, deputados, jornalistas, advogados, comerciantes, industriais, todos, enfim, formavam um só bloco, um todo de comunicação, onde o título era palavra proibida. O importante era o encontro de todos no desenvolvimento da nova Capital, à procura de um paliativo para a missão incumbida a cada um.

As boates geralmente funcionavam até o freguês aguentar. Enquanto tivesse gente, suas portas estavam abertas. O sol, geralmente, era o “cuco” de cada um. No dia seguinte, tudo recomeçava e dessa forma o novo cidadão brasiliense amenizava as saudades de suas terras, de suas famílias e amigos, vivendo ali um entrelaçamento que até hoje une muitos dos que viveram essa época intensa em busca da afirmação da sua Capital.

Pouco a pouco o Plano-Piloto começou também a propiciar aos habitantes da cidade mais atrações. Na W-3, bem próximo ao Chez-Willy, foi inaugurada a boate Macumba, que logo tornou-se a “coqueluche” dos corujas, com a apresentação dos mais variados shows. Elizete Cardoso, Caubi Peixoto, Nelson Gonçalves, Francisco Carlos e outros artistas, eram uma constância nas suas programações.

E outras vieram: Tendinha, Pilango, Borboleta. Enquanto o Brasília Palace começava a ser também um dos locais mais procurados, principalmente nos fins-de-semana, com a apresentação de espetaculares noites que reunia em seus salões, aos sábados, uma incalculável multidão.

O esvaziamento que se notou com o correr do tempo foi devido, em grande parte, a chegada da família dos muitos milhares que vieram para a nova Capital, que, antes, só, podiam, na condição de “solteiros” participar das andanças noturnas. Outros tantos, já cansados da vida de “fato e de direito” de solteiros, casaram-se. Em seus lugares surgiam outros, mas, evidentemente, a coisa já não era a mesma.

Um dos pontos de maior atração da cidade (além do Brasília Palace que continuava com as noites diárias na boate), era o Amarelinho (hoje no Centro Comercial Gilberto Salomão). Encontrar uma mesa vaga às 6as. feiras, e sábados, só mesmo sendo amigo ou parente dos garçons. Ao piano, um outro pioneiro, Baptista, que tendo como hino o samba campeão do Bafo da Onça, “Oba”, tornava as noites alegres fazendo da casa um dos locais mais procurados pelo brasiliense. A “paquera”, ali encetada era a iniciação de um final de noite melhor.

Mas se isso acontecia, se o desenvolvimento surgia, a verdade é que uma das coisas que mais assombrava o brasiliense, acabava aos poucos: a falta da presença feminina em Brasília, que quando da sua inauguração era raríssimo, principalmente à noite. Conseguir um encontro com um broto era o mesmo que obter um gol após driblar os 11 adversários.

A cidade já não vivia apenas, já a esta época, fins de 1961, apenas das boates da chamada Cidade Livre. Os candangos já não precisavam parar na frente da Loja Paranoá, para a grande distração de muitos: o aparelho de televisão, que o seu proprietário, Demitri, o grego pioneiro, punha todas as noites ligada na vitrina da loja. O Cine Brasília era também uma boa pedida, tornando-se num dos locais concorridos da nova cidade.

No Cine-Brasília, por sinal, a única coisa que um cangango que conhecemos à época, não gostava, eram as letrinhas que, segundo ele, apareciam na fita, atrapalhando a visão”.

## NOVA VIDA

Pouco a pouco o espírito de pioneirismo foi desaparecendo. O crescimento vertiginoso da cidade, o maior número de habitantes, pouco a pouco, igual aos demais centros impedia essa continuidade de vida. A comunicação já não podia ser a mesma. Uma vida diferente tinha início. Os novos grupos faziam “ponto” já no Plano Piloto, onde os bares surgiam e ficavam até altas horas da madrugada abertos. A Rua da Igreja desmontava com pelo menos três deles, sendo a Americana em frente a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, a principal delas, oferecendo aos sábados verdadeiras reuniões-bailes. Mais abaixo, surgia o Amarelinho e o Bossa Nova. Na W-3, na 507, o Mocambo, concentrando em suas dependências um sem número de brasilienses à procura de um papo, dos amigos para aquela cervejinha após mais um dia de trabalho.

## E BRASÍLIA MUDOU

E com isso o brasiliense entrou num novo ritmo. O bar do Hotel Nacional substituiu os bares anteriores para o encontro dos políticos. A vida, mais intensa, já não permitia o mesmo tipo de relacionamento. Surgia um bom restaurante, o Kazebre 13.

Mas a tristeza da morte de uma época grata a todos que participaram da inauguração da cidade, causava até certo ponto uma tristeza grande. Mas a cidade se consolidava. Não podia parar.

Mais tarde, novas casas noturnas foram abertas. Os restaurantes se multiplicavam. O Stalo, o Panorama (no centro do edifício Venâncio), eram as mais procuradas. No mesmo local, ainda, várias boates e bares aos poucos iam sendo inaugurados.

Depois adveio a “109” que com seus restaurantes e bares hoje famosos, Beirute, Arabeske, Bar-Bem, substituíram os tradicionais pontinhos da 108 e 104, que, por muitos anos, teve no Bar dos Inocentes uma espécie de Restaurante-Bar Lamas, do Rio de Janeiro. O Samira, o bar dos jornalistas, também fechou. Em seus lugares outros surgiram aqui e acolá. Novos cinemas foram também inaugurados. O Cine Brasília já não era o único.

Na “109”, o brasiliense celebrou as duas Copas do Mundo. O carnaval foi ali. O novo ponto pegou. Hoje, com suas novas casas, é sem dúvida um dos locais mais movimentados da vida noturna da cidade.

Ainda assim, a grande verdade é que o brasiliense se ressentia de uma variedade maior de diversões. A procura de um restaurante após meia-noite, é ainda uma busca por muitas vezes inútil. De madrugada, poucos são os restaurantes que o brasiliense dispõe para lanchar ou jantar. A pedida resume-se num ou outro ponto, encontrado aberto no susto”. Os proprietários alegam que não adianta deixá-los abertos até altas horas pois o brasiliense não é de sair. Mas para habituá-lo, é óbvio que as casas deveriam permanecer abertas até mais tarde. A impressão que o fato causa aqueles que

vêm de outros Estados, é a pior possível. Parecemos, por vezes, diante dos que nos visitam, como uma cidade do interior, cujos bares e restaurantes ficam abertos tão-somente até o encerramento da sessão do cinema local, ou do baile que o clube realiza naquela noite.

O Roma — W-3, é hoje o que até mais tarde acolhe os brasilienses. Por isso mesmo conseguir-se uma mesa nem sempre é fácil, o que demonstra, em termos, que a razão não acompanha os proprietários. E o Roma, no momento, está fechado, o mesmo acontecendo com o Beirute, ambos em reformas. E o brasiliense não tem para onde apelar, principalmente aquele que não possui carro.

Os cinemas surgiram, mas ainda assim não em número suficiente para a população do Plano-Piloto. Os teatros, praticamente inexistem. Dizem que ex-cine Brasília será um deles. E todos aguardam com ansiedade: ver para crer. Casas do tipo Beer-Klause, Canecão e outras tantas choparias com “shows”, inexistem. Na realidade, o brasiliense cujo poder aquisitivo se situa na chamada faixa “do apenas razoável”, não dispõe de outra opção a não ser a procura de um bar para passar a noite, tomando sua cervejinha. Não existe decididamente, uma casa daquele tipo, onde possa passar uma noite mais animada, sem altos gastos. A obrigatoriedade do jantar, da consumação, o afastamento de participar de uma vida mais intensa como vivia nos tempos do Amarelinho e Panorama, com pianos e orquestras alegrando a noite, enquanto o “chopp” gelado ao lado dos amigos, da garota ou mesmo da “cara-metade”, lhe ensejava bons momentos. O brasiliense — segundo os proprietários dessas casas, não é de sair muito. Mas, afinal, o que lhes oferecem para sair?

Uma nova onda surgiu em 73: cerveja é muito samba. Isso vem acontecendo na realização, aos sábados, dos ensaios da Escola de Samba Acadêmicos da Asa Norte, no Clube Náutico. E milhares de brasilienses dão presença. Por que? Porque trata-se de um

programa do agrado de todos, com música, samba e, o que é importante, de um programa barato. Mas Brasília ainda tem muito que crescer e aprender com os grandes centros, e na condição de Capital da Esperança resta-nos muitas esperanças de breve, muito breve, ganharmos também novas e boas casas que atenda, não somente a determinadas faixas sociais, mas a todas elas dando condições ao brasiliense de todas as camadas participar melhor da vida noturna da cidade. Depois disso veremos do que é capaz o brasiliense

No Centro Comercial Gilberto Salomão, as boates Kako e Shalako passaram à condição preferencial da juventude. Aos poucos também novos restaurantes surgiram no local. E até o “pioneiro” Amarelinho mudou-se para lá, onde ao lado da Fina Flor do Samba e outros, embora de forma diferente, dão a Brasília, uma nova face, uma nova vida. Mudaram as caras, é verdade, mas o espírito de muitos dos seus proprietários persistiu através dos anos, como é o caso do Poliedro, do Chico, que se no Venâncio marcou época com o “Edelweiss”, onde ao acorde do seu violão vimos por muitas vezes o sol raír, hoje, no Centro Comercial Gilberto Salomão

Ao lado do Karim, no edifício do Jumbo, cerca de 20 novas casas, entre bares, restaurantes e boates, foram também inaugurados. O brasiliense se espalhou. Hoje, cada um procura o seu canto preferido. O calor humano não mudou, mas sim a diversificação de ambiente, o que mais cedo ou mais tarde teria de advir normalmente. A “Tendinha”, no Hotel Nacional, é uma das poucas casas que conseguiu sobreviver dessa época reunindo, incrivelmente, até hoje, metade dos seus antigos frequentadores pioneiros de 60, ou quase pioneiros. Os clubes passaram a movimentar mais sua vida social. Todos mantêm hoje uma programação noturna de fins de semana. Serestas e sambões, bailes e Hi-Fi e é claro, isso também dividiu o brasiliense numa consequência natural e lógica.

